



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Rap: Manifestação popular urbana¹

Fabio Rodrigues Corniani

Resumo

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar o Rap não simplesmente como mais um estilo musical, mas como uma manifestação Folclórica exclusivamente urbana, que funciona como uma forma de comunicação gerada a partir das camadas marginalizadas da sociedade. Para tanto, nos basearemos em conceitos de Luiz Beltrão, Joseph M. Luyten, Ecléa Bosi e outros a respeito de cultura popular e folkcomunicação, a fim de entender como tal expressão musical poderia ser enfocada inserindo-se nos conceitos de uma manifestação folclórica.

¹ Trabalho apresentado no NP17 – Núcleo de Pesquisa Folkcomunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Pesquisa

A Folkcomunicação

Antes de começarmos a falar sobre Rap temos que entender a Folkcomunicação.

Em decorrência dos estudos de Luiz Beltrão surge o termo folkcomunicação com sua tese de doutorado em 1967. Ele foi um dos estudiosos pioneiros na introdução do ensino científico da Comunicação no Brasil. Apoiou-se nos ensinamentos do pesquisador norte-americano Paul Lazarsfeld de que, no processo da comunicação coletiva, há duas etapas significativas: a do comunicador ao líder de opinião e a deste ao receptor comum.

Segundo Luyten “em nível folclórico o mesmo se dá. Há sempre uma pessoa com determinado grau de credibilidade que vai reinterpretar as informações para o grupo em que atua” (In: MELO, 2001, p.29). Com base nisso podemos considerar os cantadores de Rap líderes de opinião, pois são eles que recebem a informação e as interpretam para seu público em forma de Rap.

Estes artistas populares, no caso os cantadores de Rap, vivem na mesma situação social em que seu público vive, característica esta que vai de encontro com a pesquisa elaborada pelo Departamento de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Columbia (EUA), onde diz que “influenciadores e influenciados mantêm relações estreitas e, conseqüentemente, tendem a compartilhar das mesmas características de situação social” (In: BELTRÃO, 2001, p. 68). Mas qual é esta situação social em que vivem estas pessoas?

Devemos lembrar que Luiz Beltrão define a folkcomunicação como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24)

Notamos que Beltrão distingue dois tipos de grupos, ou audiência: os urbanos e os rurais. Devido ao objeto de estudo desta pesquisa, nos deteremos apenas nos públicos urbanos, estes “compostos de indivíduos situados nos

escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso” (p. 40)

Ainda sobre a condição social deste grupo Luiz Beltrão acrescenta:

“Os grupos urbanos são caracterizados, sobretudo, pelo reduzido poder aquisitivo devido a baixa renda, pois esses grupos são formados por indivíduos que recebem baixos salários em empregos ou subempregos que não exigem mão-de-obra especializada, como construção civil, estiva, limpeza e conservação de edifícios, oficinas de reparos (...) e pessoas que vivem de expedientes ilegais – ladrões, prostitutas, proxenetas, passadores de ‘bicho’ e foragidos da justiça.” (p. 55)

Esta é exatamente a situação de pessoas de baixa renda nos grandes centros urbanos como São Paulo. Este é o lugar onde a cultura do Hip-Hop nasce e é difundida.

O habitat e a cultura do Hip-Hop

*“(...) Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra esse é o morro (...)
A número número um em baixa renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro
Polícia a morte, polícia socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada freqüentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A cada esquina, 100, 200 metros

Nem sempre é bom ser esperto (...)

(Racionais MC's, Fim de semana no parque)

Transporte precário, moradias em condições ruins – risco de desabamento, falta de saneamento, bairros inseguros, superpovoados, desassistidos pelos governos, com moradores com pouco ou nenhum acesso à saúde e educação de qualidade e a miséria. Sem a atenção dos governantes, essas populações ficam entregues aos “donos da favela”: policiais violentos, traficantes, ladrões. Os meninos servem como “aviões”, as meninas se expõem a prostituição ou experimentam a gravidez precoce. Além de tudo, compõem o quadro fatores étnicos que envolvem a locação dessas pessoas em áreas pouco privilegiadas da cidade. De forma evidente, além de pobres, formam um grande contingente não-branco, acirrando a tensão e a insatisfação nesses meios, decorrentes dos conflitos de identidade.

O contexto urbano acima, embora nos pareça dolorosamente familiar, não é uma descrição da região metropolitana de São Paulo ou de qualquer grande cidade brasileira na atualidade. É uma descrição do Bronx, bairro da cidade de Nova Iorque (EUA), no final dos anos 60. Sobre isso comenta Tricia Rose:

“Importantes mudanças pós-industriais na economia, como o acesso à moradia, a demografia e as redes de comunicação, foram cruciais para a formação das condições que alimentam a cultura híbrida e o teor sócio-político das canções e músicas do Hip-Hop.” (ROSE, 1997, p. 18)

Os guetos de Nova Iorque dos anos 60/70 foram o local do surgimento de contingentes juvenis não-brancos reunindo-se para falar, cantar, desenhar e dançar suas criações a partir dos resíduos tecnológicos da cidade e de suas experiências de vida. O espaço de reunião era a rua. Daí também falar-se em “cultura de rua” sobre o acervo do Hip-Hop. Acervo este que agrupa os

elementos Graffiti (arte plástica), Break (dança) e o Rap (música), este nosso objeto da pesquisa, que trataremos com maior profundidade no próximo tópico.

O Graffiti

Com tinta e spray, alguns desenhavam os contornos de seu mundo, reproduzindo imagens que não eram alcançadas ou privilegiadas pelos *mass media*: o Graffiti.

O Graffiti surgiu inicialmente como *tag* (assinatura). Em meados da década de 60, os jovens dos guetos, também de Nova Iorque, começaram a "pichar" as paredes com seus nomes. Eles pichavam como forma de retratar a realidade, como forma de participação e de resistência ao sistema.

O precursor do Graffiti, segundo Alexandre Alves de Almeida, foi "Taki 183" (Taki como pseudônimo de Demetrius e 183 por causa do número da casa dele). No início da década de 70, ele passou a espalhar sua marca por toda a cidade de Nova Iorque e iniciou uma disputa com outros "pichadores" para ver quem assinava o maior número de paredes possível, nos lugares mais difíceis. (ALMEIDA, 2001, p.6)

O *tag*, então, passou a ser usado pelas gangues de jovens, como código para demarcação de território dentro do gueto. Foi um jovem grafiteiro, DJ Kid, que introduziu o desenho ao *tag*. Ele percebeu que, para a continuação daquele estilo de arte, seria necessário incluir o desenho à simples pichação. Além disso, o estilo do Graffiti delineou-se com letras quebradas e garrafais para chamar a atenção e dificultar o entendimento das pessoas que não pertencem ao gueto. No início dos anos 70, surgiu o grafiteiro "Phase 2", que criou painéis coloridos para transmitir mensagens positivas, por isso podemos considerá-lo o inventor do Graffiti propriamente dito.

O objetivo dos grafiteiros ampliou-se com a invenção dos painéis coloridos, que lhes davam a oportunidade de emitir mensagens. Desta forma, ocorreu um aperfeiçoamento artístico desses jovens pobres, que a partir da

simplicidade do *tag* desenvolveram um estilo mais tarde absorvido pelas galerias do mundo todo. Até no Museu de Arte Contemporânea da USP há obras influenciadas pelo Graffiti.

Podemos traçar um paralelo do Graffiti do Hip-Hop com os Grafitos de Luiz Beltrão, que segundo ele são “inscrições, pinturas e desenhos toscos, traçados por uma pessoa geralmente não-identificada, em paredes, árvores e outras superfícies mais ou menos duras e utilizando lápis, carvão, tintas, estiletes e outros objetos pontiagudos, com finalidade de transmitir mensagens aos transeuntes ou usuários do local onde se encontram gravados.” (BELTRÃO, 1980, p. 221)

O Break

Os movimentos dos Breakers lembravam os robôs, ou eram a mímica automatizada de procedimentos do cotidiano, sendo a um só tempo crítica e relato: o Break

Nova Iorque, ou Califórnia? Há muitas especulações para se saber de onde vieram os primeiros *b.boys* abreviatura de *break boy* (garoto que dança no *break* da música). Os primeiros indícios de um *boogie boy*, futuro *b. boy*, apareceram num show de James Brown, em 1969. A explosão do *break dance* aconteceu realmente na década de 70, com a apresentação do grupo LA Lakers na abertura do maior programa de premiação da música negra americana, o Soul Train. A transmissão via TV transformou o Break em sensação das ruas e festas de Los Angeles. Kool Herk (*DJ* jamaicano) em suas festas levava mais uma curiosidade: dois dançarinos conhecidos como The Nigga Twins. A dupla misturava o *street dance* com outros estilos acompanhando os *breaks* da música e criando o estilo de Break, que é dançado até os dias de hoje.

Mais tarde, na década de 80, o filme "Flashdance", os passos de Michael Jackson e outros produtos da grande mídia tornariam o Break popular em todo o

mundo. (fonte: AGITO GERAL, revista direcionada ao público de Rap no Brasil)

De qualquer modo, aquela dança de rua tornou-se algo além de simples arte, passando a ter um significado social: ela ajudava a manter os jovens longe do crime e das drogas. Os sociólogos que analisaram o movimento concordam: quando os jovens do Hip-Hop se reúnem para ver quem dança, desenha, compõe, canta melhor, ou é o DJ mais habilidoso, vemos o coração do movimento, pois essa competição é algo positivo ao incentivar uma atitude constante de criação e de invenção a partir de recursos bastante limitados. (ANDRADE, 1997, p. 83)

O Rap

Acompanhando toda a agitação política devido a líderes como Martin Luther King e Malcolm X, ocorriam inovações culturais. Para os negros dos EUA, os anos 60 não eram de *rock'n roll*: nos guetos, o que se ouvia era o Soul (gênero musical), naquele tempo importantíssimo para a consciência do povo negro. James Brown cantava "*Say it loud: Im black and proud!*" (Diga alto: sou negro e orgulhoso!), frase de Steve Biko, líder sul-africano. Mas logo essa expressão musical virou fórmula comercial, perdeu seu potencial de protesto.

Contra-atacando surgia o Funk (gênero musical), radicalizando novamente. A agressividade desse estilo dá-se as poderosas pancadas do ritmo e os gritos escandalosos de James Brown para perceber que aquilo era um choque para a sociedade atual. A essa altura, o *Black Power* (estilo de penteado usado pelos negros norte-americanos) já influenciava o Brasil nos “bailes black” no Rio e em São Paulo.

Jorge Ben, em 71, gravou "Negro é Lindo", tradução do lema "Black is beautiful", assim como Wilson Simonal alguns anos antes já havia feito o seu "Tributo a Martin Luther King". Os fundadores do bloco “Ilê Ayê”, de

Salvador, fundado entre 75 e 76, inicialmente queriam que ele se chamasse "Poder Negro". A polícia política da ditadura militar foi quem os "aconselhou" a procurar outro nome.

Naturalmente, tudo que os negros passavam era expresso em suas canções. E como o povo negro dos EUA estava cada vez mais consciente socialmente, devido a toda a luta política, cada vez mais cantava idéias de mudança de atitude, valorização da cultura negra, revolta contra os opressores.

O solo musical de onde iria brotar o Rap estava armado com o Soul e o Funk. Mas o Rap, além de ritmo, é poesia. Sobre este elemento, é preciso lembrar alguns dados.

As tradições orais africanas, que no Brasil ao longo da história se diluíram na miscigenação (sendo hoje muitas vezes denominadas pela região onde aparecem, como Bahia, Pernambuco ou Rio de Janeiro), na segregação americana permaneceram nesses 500 anos para desembocar no Rap. Os *griots*, contadores de história que carregavam na memória toda a tradição das tribos africanas, preservaram suas técnicas em versos passados de pai para filho (como os romances medievais conhecidos ainda hoje no Nordeste, ou os repentistas, emboladores, cantadores e todas as outras categorias de poetas populares no Brasil).

Nos guetos americanos, essas tradições se expressam no *preaching*, no *toasting*, no *boasting*, no *signifying* ou nas *dozens* (espécies de "desafios" em rima). São versos conhecidos até hoje, que usam a gíria dos bairros negros e impossibilitam a compreensão dos brancos. Contam histórias de prostitutas, cafetões, brigas, tiroteios e tudo o que envolve a marginalidade.

No início da década de 70, artistas como os Watts Prophets, de Los Angeles, ou os Last Poets e Gil Scott-Heron de Nova Iorque, recuperaram essa tradição poética e puseram-na a serviço de toda a luta política que estava acontecendo. Recitando poemas sobre bases percussivas com influências do jazz, esses artistas foram os precursores dos MC's que, poucos anos depois, iriam criar o Rap.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Essa base cultural local, que envolvia muitas técnicas de memorização e improviso, foi cultivada no chamado *freestyle* – Rap improvisado. Recentemente, a formação da Academia Brasileira de Rimas, um grupo de MC's que inclui Thaíde (pioneiro do Rap no Brasil) e membros de grupos como Conseqüência, Camorra e SP Funk vêm reintroduzindo esse estilo no Brasil. Quando estão em pleno desafio, eles recorrem a vários recursos muito parecidos com os que os emboladores nordestinos costumam utilizar em suas apresentações.

Estas características são muito semelhantes à descrição de Luyten em relação ao repente:

“Geralmente, o repentismo é apresentado por duplas de cantadores e temos o que se chama de desafio, peleja, ou seja, uma luta ou discussão poética em que é declarado vencedor o que conseguir versejar melhor e durante mais tempo a respeito de um determinado tema, previamente combinado.” (LUYTEN, 1988, p. 21)”

Uma única diferença encontrada nos desafios de Rap, é que normalmente não há vencedores, pois a vitória não está em jogo.

O Hip-Hop não custou a chegar ao Brasil. Em 1982, a juventude da periferia de São Paulo já dançava o Break e ouvia os primeiros Rap's. Isso porque desde os anos 70, na periferia das grandes cidades do país, eram comuns os “bailes black”, com muito Soul e Funk. O Rap apenas deu continuidade a essa trilha.

O antigo movimento *black* dos anos 70 não está tão distante do Hip-Hop: Milton Salles, produtor dos Racionais MC's (grupo de Rap), organizava bailes do “Black Power” em São Paulo. Dois dos pioneiros do Hip-Hop na capital paulistana, Nelson Triunfo e Nino Brown, que participaram da equipe de dança Funk & Cia. no início da década de 80, são alguns dos que se encarregam de manter viva essa conexão entre o Hip-Hop e seus parentes mais velhos, guardando em casa os discos de Gerson King Combo e Toni Tornado, artistas *black* que estão para o Rap brasileiro como James Brown para o americano. Como diz o rap "Senhor Tempo Bom", de Thaíde e DJ Hum, "O Hip-Hop é o



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Black Power de hoje". Aliás, é na letra deste Rap que está o grande inventário já produzido das raízes do Black Power e do Hip-Hop em São Paulo (letra em anexo).

Quase todos os rappers que hoje têm em torno de 30 anos participavam dos bailes do "Black Power". Veja o que diz DJ Hum (pioneiro do Rap no Brasil) na revista "Pode Crê!" (revista direcionada ao público de Rap no Brasil) a respeito do início do Rap no Brasil:

"O cabelo era black, calças boca-de-sino, sapatos plataforma, coletes, jaquetas transadas com cores berrantes. O ídolo da massa era nada mais nada menos que James Brown (como é até hoje). (...) Foi nessa época que eu ouvi pela primeira vez um funk falado. Vocês podem perguntar: Funk falado? É isso mesmo! Quando o Rappers Dee Light estourou no Brasil com a Melô do Tagarela, toda a rapaziada que curtia os bailes, da zona norte à sul e da leste à oeste, comentava sobre o novo tipo de funk, no qual o cantor falava sem parar. A idéia de que um novo tipo de música estava invadindo o país se confirmou quando estourou The Breakers, de Kurtis Blow. Como toda informação no Brasil demora a chegar, não sabíamos que se tratava de um movimento cultural, no qual o canto era o rap, o tão comentado jeito de falar sobre a batida."

Foi em São Paulo que a cultura Hip-Hop cresceu mais, tomando a periferia. O Break saiu dos bailes, foi às ruas. Nelson Triunfo e a Funk & Cia. tratavam de apresentar-se aos fins-de-semana na danceteria Fantasy, ou diariamente, na hora do almoço, na esquina das ruas 24 de Maio e Dom José de Barros.

O break foi bastante importante no início do Hip-Hop no Brasil, porque foram ligadas a ele que surgiram as primeiras organizações dos *b.boys* (*break-boys*) brasileiros, as gangues. Aos poucos vieram Nação Zulu, Back Spin Break Dance (da qual Thaíde e DJ Hum participaram), Street Warriors e Crazy Crew (todas estas gangues de São Paulo).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O rap nacional, por sua vez, começou nas rodas de breakers na estação São Bento do metrô (São Paulo), depois na Praça Roosevelt (São Paulo). Os primeiros rappers cantavam na rua, ao som de latas, palmas e “beat box” (caixas amplificadas que tocavam batidas contínuas). Por desconhecimento, chamavam o Rap de “tagarela”, por causa da fala rápida, que era o estilo utilizado na época. Se comparamos as letras da época com o que Mano Brown (integrante do Racionais MC’s) canta hoje, percebemos uma grande diferença do Rap nacional nesses 20 anos. Os primeiros versos eram “ingênuos”, sem alguma crítica social, como esses de Nelson Triunfo:

*"Dance em qualquer lugar
Mostre a verdade sua
Mas nunca se esqueça que o break
É uma dança de rua."*

Com o tempo, foi surgindo a oportunidade de sair das ruas e fazer apresentações em festas e bailes e depois gravar discos.

A época em que saíram os primeiros discos de Rap nacional coincidiu com um momento de amadurecimento do movimento Hip-Hop no Brasil. A necessidade de organizar-se, unir-se, surgiu inicialmente da marginalização dos *b.boys*. Existia uma dupla perseguição: de um lado, os policiais, incentivados pelos comerciantes do centro da cidade, que se sentiam prejudicados com as apresentações dos jovens; de outro, as equipes de baile tentavam impedir o Break nos salões, porque a maioria dos jovens negros ainda gostavam do Funk.

Mas nada pôde impedir a explosão do Rap nacional. Surgiram discos, em forma de coletânea, como "Consciência Black" (que lançou os Racionais MC’s), da Zimbabwe (gravadora), em 1988, seguidos pelo "Cultura de Rua", da Eldorado. Muitas gravadoras desta época, surgiram das equipes de som que organizavam os “bailes black” desde a década de 70.

No início as letras falavam do cotidiano dos *b.boys*, seus problemas na metrópole, ou até mesmo de amor. O Rap já era uma forma de protesto por si só. Mas com o tempo foram surgindo as letras mais críticas, onde o que estava



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

em pauta eram os problemas das periferias, a discriminação racial, religião e a violência.

A respeito do conteúdo da mensagem dos grupos urbanos marginalizados, Maria Célia Paoli diz que “esta temática tão rica quanto complexa (...) propõe dois elementos básicos que estruturam o universo simbólico dos homens pauperizados, dando-lhes a coerência de uma forma de expressão própria, sobretudo se pensado a partir das relações sociais em que vivem: esses dois elementos são o misticismo e a violência, fundamentos e limites do seu mundo (...) Longe de isso ser algo exótico, como aparece ao espectador da classe média, ou formas de entorpecimento, como é vista pelos teóricos dogmáticos, estes temas ritualizados expressam a adaptação crítica ao mundo da miséria (...) A violência que existe na miséria tem também as características de que chamei de ‘adaptação crítica’. Incorporada com uma regularidade na vida, ela coloca no centro da existência cotidiana não apenas uma justificação do sistema do poder, revelando-o, mas também a penúria da situação social vivida. Em outras palavras (...) um ato violento (...) parece ser sempre um exercício do poder.” (apud BELTRÃO, 1980, p. 59)

Notamos nesta passagem exatamente o que relata as letras do Rap: um retrato do dia a dia das camadas marginalizadas da sociedade.

A mensagem periférica

Pretendemos neste tópico demonstrar, através de trechos de letras, a maneira com que o Rap retrata o a vida na periferia, mostrando de uma maneira clara, e as vezes até dura, a violência, racismo e a pobreza que as pessoas que vivem nestas regiões dos grande centros urbanos se submetem na sua rotina diária.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para isto optamos em demonstrar trechos de duas letras do grupo Racionais MC's, estes que são considerados pioneiros do Rap no Brasil e possuem um alto grau de popularidade em todo território nacional.

O primeiro trecho, foi extraído da música “Fim de semana no parque”. Esta letra trata dos problemas que enfrentam as crianças que crescem em bairros de periferia da Grande São Paulo.

*“(...) Automaticamente eu imagino
 A molecada lá da área como é que tá
 Provavelmente correndo pra lá e pra cá
 Jogando bola descalços nas ruas de terra
 É, brincam do jeito que dá
 Gritando palavrão é o jeito deles
 Eles não tem videogame às vezes nem televisão
 Mas todos eles tem dom um São Cosme São Damião
 A única proteção. (...)
 Eles também gostariam de ter bicicleta
 De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
 Gostam de ir ao parque e se divertir
 E que alguém os ensinasse a dirigir
 Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho
 Fim de semana no Parque Sto. Antônio. (...)”
 (Racionais MC's, “Fim de semana no parque”)*

Notem que a letra relata crianças brincando descalças e sem brinquedos, devido a baixa renda familiar destas crianças, que as vezes mal dá para alimentação. Também percebemos uma alusão a São Cosme e São Damião, estes que são considerados na Umbanda e no Candomblé como os Santos das Crianças, e nesta letra são mostrados como a única proteção a qual as crianças que vivem na periferia podem contar. (em anexo a letra na íntegra)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Agora mostraremos o trecho da música “Homem na estrada”, que ao meu ver é uma das letras mais pesadas do grupo, onde é narrada as dificuldades que passa um homem que acaba de cumprir pena. Está letra faz uma dura crítica a polícia, o sistema carcerário e as condições precárias de vida na periferia.

“(...) Quero que meu filho nem se lembre daqui, tenha uma vida segura, não quero que ele cresça com um oitão na cintura e uma PT na cabeça e o resto da madrugada sendo mim ele pensa, o que fazer para sair dessa situação, desempregado então, com má reputação, viveu na detenção, ninguém confia não, e a vida desse homem para sempre foi danificada, o homem na estrada. (...)

*Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,
 logo acusaram uma favela para variar,
 e o boato que corre é que esse homem está
 com o seu nome lá na lista dos suspeitos, pregada na parede do bar,
 a noite chega e o clima estranho no ar,
 e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranqüilamente,
 mas na calada caguetaram os seus antecedentes,
 como se fosse uma doença incurável,
 no seu braço a tatuagem, DVC uma passagem , um cinco sete na lei,
 no seu lado não tem mais ninguém,
 a justiça criminal é implacável,
 tiram sua liberdade, família e moral mesmo longe do sistema carcerário,
 te chamarão pra sempre de ex-presidiário,
 não confio na polícia, raça do caralho,
 se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim,
 é, eu sangraria até a morte, já era um abraço,
 por isso a minha segurança eu mesmo faço (...)*

(Racionais MC’s, “Homem na estrada”)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Chamamos a atenção para a parte onde ele diz que não gostaria que o filho dele crescesse com um “oitão na cintura e uma PT na cabeça”, ou seja, com um revólver calibre 38 na cintura e uma pistola na cabeça, onde ele faz uma crítica a violência dos bairros de periferia. Também chamamos atenção aos trechos onde ele diz que “caguetaram os seus antecedentes” onde na verdade seria alcagüetaram seus antecedentes criminais, e “no seu braço a tatuagem, DVC uma passagem , um cinco sete na lei”, onde o homem possui uma tatuagem de pessoas que passaram pela detenção de um presídio, por motivo de roubo de residências alheias com o uso da violência.

Esta letra diz basicamente que se um homem por algum motivo é preso, nunca terá sua vida restabelecida, sempre carregará fama de ex-presidiário, sendo alvo de preconceito pela polícia e pelo mercado de trabalho, onde não conseguirá um emprego e passará por dificuldades pelo resto da vida. (em anexo a letra na íntegra)

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Renato. **Vivência e projeção do folclore**. Rio de Janeiro: Agir, 1971.

ALMEIDA, Alexandre Alves de. **Revista Almanaque de Graffiti**. São Paulo: Escala, 2001.

ALVES-MAZZOTI, Alda, GEWANDSZNADJAR, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

BARROS, Souza. **Contrastes nas sociedades tradicionais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paralelo, 1969.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria geral da comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1977.

BERLO, David Kenneth. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes – 9ª Ed. – 1999.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CALCLINI, Nestor Garci. **Culturas hídricas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARNEIRO, Édison. **Dinâmica do folclore**. Civilização Brasileira. Rio, 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, sd.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

DJ HUM. **Revista pode crê!**. São Paulo: Escala 2001, n.5, Ano 1.

EDITORIAL. **Revista agito geral**. São Paulo: Escala 2001, n.3, Ano 1.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas**. São Paulo: Vozes, s/d.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.

LUYTEN, Joseph Maria. **Desafio e repentismo do caipira de São Paulo**, D.O. - Leitura, Imprensa Oficial do Estado, 3(35):6-7, abr. 1985 e 3(36):14-6, maio 1985.

LUYTEN, Joseph Maria. **Sistema de comunicação popular**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o campo é a cidade**. IN MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lílian de Luca (orgs.) *Na Metrópole*. São Paulo: EDUSP, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio: Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**: São Caetano do Sul, do fim do Império ao fim da República Velha . São Paulo: Hucitec, 1992.

MELO, José Marques de. Folkcomunicação: a comunicação do povo. In: **Mídia e folclore**: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá/ São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra Unesco: UMESP, 2001.

MELO, Veríssimo de. **Ensaio de antropologia brasileira**. Natal: Imprensa oficial, 1973.

MOTA, Carlos Guilherme. **A ideologia da cultura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1977.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAOLI, Maria Célia P. Machado. **Desenvolvimento e marginalidade**. São Paulo: Pioneira, 1974.

PIRATININGA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. **Dietário dos escravos de São Bento**. São Paulo: Hucitec, 1991.

RAMOS, Artur. **Estudos de folclore**, Rio de Janeiro: Casa do estudante do Brasil, 1958.

ROSE, Trícia. **Um estilo que ninguém segura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo:
Cortez, 9ª ED, 1996.

TRUJILLO, Afonso Ferrari. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo:
McGrawhill do Brasil, 1982.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ANEXOS

Fim De Semana No Parque

" 1993, fudidamente voltando, RACIONAIS. Usando e abusando da nossa liberdade de expressão, um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país. Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia e diversão. Esse é o raio-x do Brasil, seja bem vindo... ".

" A toda comunidade pobre da Zona Sul"

Chegou fim de semana todos querem diversão
 Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro
 São Paulo, Zona Sul
 Todo mundo a vontade calor céu azul
 Eu quero aproveitar o sol
 Encontrar os camaradas prum basquetebol
 Não pega nada
 Estou à uma hora da minha quebrada
 Logo mais, quero ver todos em paz
 Um dois três carros na calçada
 Feliz e agitada toda playboyzada
 As garagens abertas eles lavam os carros
 Desperdiçam a água, eles fazem a festa
 Vários estilos vagabundas, motocicletas
 Coroa rico boca aberta, isca predileta

De verde fluorescente queimada sorridente
 A mesma vaca loura circulando como sempre
 Roda a banca dos playboys do Guarujá
 Muitos manos se esquecem na minha não cresce



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Sou assim e to legal, até me leve a mal
Malicioso e realista sou eu Mano Brown
Me de quatro bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
Gritando palavrão é o jeito deles
Eles não tem videogame às vezes nem televisão
Mas todos eles tem dom um São Cosme São Damião
A única proteção.

No último Natal Papai Noel escondeu um brinquedo
Prateado, brilhava no meio do mato
Um menino de 10 anos achou o presente,
Era de ferro com 12 balas no pente
E fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicleta
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se divertir
E que alguém os ensinasse a dirigir
Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana no Parque Sto. Antônio.

Vamos passear no Parque



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

(Deixa o menino brincar)

Fim de Semana no parque

Vamos passear no Parque

(Vou rezar pra esse domingo não chover)

Olha só aquele clube que da hora

Olha aquela quadra, olha aquele campo

Olha,

Olha quanta gente

Tem sorveteria cinema piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina

Afoga essa vaca dentro da piscina

Tem corrida de kart dá pra ver

É igualzinho o que eu vi ontem na TV

Olha só aquele clube que da hora,

Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora

Nem se lembra do dinheiro que tem que levar

Do seu pai bem louco gritando dentro do bar

Nem se lembra de ontem de onde o futuro

Ele apenas sonha através do muro...

Milhares de casas amontoadas

Ruas de terra esse é o morro

A minha área me espera

Gritaria na feira (vamos chegando !)

Pode crer eu gosto disso mais calor humano

Na periferia a alegria é igual

É quase meio dia a euforia é geral

É lá que moram meus irmãos meus amigos

E a maioria por aqui se parece comigo

E eu também sou bam bam bam e o que manda



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O pessoal desde às 10 da manhã está no samba

Preste atenção no repique atenção no acorde

(Como é que é Mano Brown ?)

Pode crer pela ordem

A número número um em baixa renda da cidade

Comunidade Zona Sul é dignidade

Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro

Polícia a morte, polícia socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo

Pra molecada freqüentar nenhum incentivo

O investimento no lazer é muito escasso

O centro comunitário é um fracasso

Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo

Tem bebida e cocaína sempre por perto

A cada esquina, 100 200 metros

Nem sempre é bom ser esperto

Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari

Pronúncia agradável estrago inevitável

Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar

M.E.R.D.A.

Como se fosse hoje ainda me lembro

7 horas sábado 4 de Dezembro

Uma bala uma moto com 2 imbecis

Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz

E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz

Vigiando lá de cima

A molecada do Parque Regina

Vamos passear no Parque



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

(Deixa o menino brincar)

Fim de Semana no parque

Vamos passear no Parque

(Vou rezar pra esse domingo não chover)

To cansado dessa porra de toda essa bobagem

Alcoolismo,vingança treta malandragem

Mãe angustiada filho problemático

Famílias destruídas fim de semanas trágicos

O sistema quer isso a molecada tem que aprender

Fim de semana no Parque Ipê

Vamos passear no Parque

(Deixa o menino brincar)

Fim de Semana no parque

Vamos passear no Parque

(Vou rezar pra esse domingo não chover)

“Pode crer, Racionais Mc's e Negritude Junior juntos. Vamos investir em nós mesmos, mantendo distância das drogas e do álcool. Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá, Parque Arará, Vaz de Lima, Morro do Piolho, Vale das Virtudes e Pirajussara.

É isso aí mano Brown (é isso aí Netinho paz a todos).”

Homem na Estrada



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Um homem na estrada recomeça sua vida, sua finalidade, a sua liberdade, que foi perdida, subtraída e quer provar a si mesmo que realmente mudou, que se recuperou e quer viver em paz, não olhar para trás, dizer ao crime nunca mais, pois sua infância não foi um mar de rosas não, na FEBÉM lembranças dolorosas então. Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, muitos morreram sim sonhando alto assim, me digam quem é feliz, quem não se desespera vendo nascer seu filho no berço da miséria, um lugar onde só tinham como atração, o bar e o candomblé pra se tomar a benção, esse é o palco da história que por mim será contada, o homem na estrada.

Equilibrado num barraco incomodo, mal acabado e sujo, porém seu único lar seu bem e seu refúgio, cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal, um pedaço do inferno aqui é onde eu estou, até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou, numerou os barracos, fez uma pá de perguntas logo depois esqueceram, filha da puta, acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva, mano quanta paulada, estava irreconhecível, o rosto desfigurado, deu meia noite e o corpo ainda estava lá, coberto com lençol, dessecado pelo sol, jogado, o IML estava só dez horas atrasado, sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, quero que meu filho nem se lembre daqui, tenha uma vida segura, não quero que ele cresça com um oitão na cintura e uma PT na cabeça e o resto da madrugada sendo mim ele pensa, o que fazer para sair dessa situação, desempregado então, com má reputação, viveu na detenção, ninguém confia não, e a vida desse homem para sempre foi danificada, o homem na estrada.

Amanhece outro dia e tudo é exatamente igual, calor insuportável, 28 graus, faltou água, já é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hu, já fazem cinco dias, são dez horas, a rua está agitada, uma ambulância foi chamada com extrema urgência, loucura violência, exagerado, estourou a própria mãe estava embriagado, mas bem antes da ressaca ele foi julgado, arrastado pela rua o pobre do elemento, inevitável linchamento, imaginem só, ele ficou bem feio, não tiveram dó, os ricos fazem campanha contra as drogas, e falam sobre o poder destrutível dela, por outro lado promovem e ganham muito dinheiro, com



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

o alcool que é vendido na favela,empapuçado ele sai,vai dar um rolê não acredita no que vê, não daquela maneira, crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo seu café da manhã na lateral da feira, molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão na escola pra comer, apenas nada mais, como é que vão aprender sem incentivo de alguém, sem orgulho e sem respeito sem saúde e sem paz, um mano meu tava ganhando um dinheiro, tinha comprado um carro, até rolex tinha, foi fuzilado a queima roupa no colégio abastecendo a playboyzada de farinha, ficou famoso, virou notícia,rendeu dinheiro aos jornais, hu,cartaz a policia, vinte anos de idade alcançou os primeiros lugares, superstar do notícias populares, uma semana depois chegou o crack, gente rica por trás, diretoria, a que periferia miséria de sobra, um salário por dia garante a mão-de-obra , a clientela , tem grana e compra bem, tudo em casa, costa quente de sócio, a playboyzada muito louca até os ossos, vender droga por aqui, grande negócio, sim ganhar dinheiro ficar rico enfim, quero um futuro melhor não quero morrer assim, num necrotério qualquer, com um indigente sem nome e sem nada, o homem na estrada.

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas, logo acusaram uma favela para variar, e o boato que corre é que esse homem está, com o seu nome lá na lista dos suspeitos, pregada na parede do bar, a noite chega e o clima estranho no ar, e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente, mas na calada caguetaram os seus antecedentes, como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem, DVC uma passagem , um cinco sete na lei, no seu lado não tem mais ninguém, a justiça criminal é implacável, tiram sua liberdade, família e moral mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão pra sempre de ex-presidiário, não confio na polícia, raça do caralho, se eles me acham baleado na calçada,chutam minha cara e cospem em mim, é, eu sangraria até a morte, já era um abraço, por isso a minha segurança eu mesmo faço, é madrugada parece estar tudo normal, mas esse homem desperta pressentindo o mal, muito cachorro latindo, ele acorda ouvindo, barulho de carros e passos no quintal,a vizinhança está calada e insegura, premeditando um final que já conhecem bem, na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio a lei do cão



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

talvez, vão invadir o seu barraco é a polícia, vieram pra arregaçar cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça, já deram minha sentença e eu nem tava na treta, não são poucos que já vieram muito loucos, matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres e eu apenas com uma treze tiros automática, só eu mesmo e eu , meu Deus e meu Orixá, no primeiro barulho eu vou atirar, se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém, o que eles querem mais um pretinho na FEBÉM, sim ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim, e a verdade foi outra não dá mais tempo pra nada.....

Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M Boi Mirim sem número, tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais, segundo a polícia a vítima tinha vasta ficha criminal.

Diário de um Detento

São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã.

Aqui estou, mais um dia

Sob olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK

Metralhadora alemã ou de Israel

Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha em pé

Mais um cidadão José

Servindo o Estado, um PM bom

Passa fome, metido a Charles Bronson



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ele sabe o que eu desejo, sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso, o clima tá tenso
Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero
Será que Deus ouviu minha oração ?
Será que o juiz aceitou minha apelação ?
Manda um recado lá pro meu irmão :
Se tiver usando droga tá ruim na minha mão
Ele ainda tá com aquela mina ?
Pode crê, o moleque é gente fina
Tirei um dia a menos ou um dia a mais
Sei lá, tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar
Homem é homem, mulher é mulher, estuprador é diferente, né ?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
E sangra até morrer na rua 10
Cada detento uma mãe, uma crença
Cada crime uma sentença
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima, sangue, vidas e glórias
Abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química, pronto: fiz um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio, ao redor do campo, em todos os cantos
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, aqui não tem Santo
Ratatatá, preciso evitar que um safado faça minha mãe chorar
Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege
Tic-tac, ainda é nove e quarenta
O relógio na cadeia anda em câmera lenta
Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
 Com raiva por dentro, a caminho do centro
 Olhando pra cá, curiosos é lógico
 Não, não é não. Não é o zoológico
 Minha vida não tanto valor
 Quanto seu celular, seu computador
 Hoje, tá difícil, não saiu o sol
 Hoje não tem visita, não tem futebol
 Alguns companheiros tem a mente mais fraca
 Não suporta o tédio , arruma criaca
 Graças a Deus e á Virgem Maria
 Faltam só um ano, três meses e uns dias
 Tem uma cela lá em cima fechada desde Terça-feira
 Ninguém abra pra nada
 Só o cheiro de morte pinho sol
 Um preso se enforcou com o lençol
 Qual que foi ? Quem sabe ? Não conta
 Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta
 Nada deixe um homem mais doente
 Do que o abandono dos parentes
 Aí moleque, me diz então ? Cê que o quê ?
 A vaga tá lá esperando você
 Pega todos os seus artigos importados
 Seu currículo no crime e limpa o rabo
 A vida bandida é sem futuro
 A sua cara fica branca desse lado do muro
 Já ouviu falar de Lúcifer que veio do inferno com moral um dia ?
 No Carandiru não, ele é só mais um comendo rango azedo com pneumonia
 Aqui tem mano de Osasoco, do Jardim D'Abril
 Parelheiros, Moji, Jardim Brasil
 Bela Vista, Jardim Ângela, Heliópolis



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Itapevi, Paraisópolis

Ladrão sangue bom, tem moral na quebrada
 Mas pro Estado, é só mais um número, mais nada
 Nove Pavilhões, sete mil homens que custam trezentos reais por mês cada
 Na última visita, neguinho veio aí
 Trouxe umas frutas, Marlboro, Free
 Ligou que um pilantra lá da área voltou
 Com Kadett vermelho, placa de Salvador
 Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
 Com uma 9 milímetros debaixo da blusa
 Aí, neguinho vem cá, e os manos onde é que tá ?
 Lembra desse cururu que tentou me matar ?
 "Aquele puto é ganso, pilantra corno manso
 Ficava muito louco e deixava a mina só
 A mina era virgem, ainda era menor
 Agora faz chupeta em troca de pó"
 Esses papo me incomoda
 Se eu tô na rua é foda ...
 "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá ... "
 Não, já, já, meu processo tá aí
 Eu quero mudar, eu quero sair
 Se eu trombo esse fulano ... não tem pá, não tem pum, vou ter que assinar o 121
 Amanheceu com sol, dois de outubro
 Tudo funcionando, limpeza jumbo
 De madrugada eu senti um calafrio
 Não era do vento, não era do frio
 Acerto de conta tem quase todo dia
 Ia ter outro logo mais, eu sabia
 Lealdade é o que todo preso tenta
 Conseguir a paz de forma violenta
 Se um salafrário sacanear alguém



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Leva ponto na cara igual Frankstein
Fumaça na janela, tem fogo na cela
Fudeu, foi além, ... se pão, tem refém
Na maioria, se deixou envolver
Por uns cinco ou seis que não tem nada a perder
Dois ladrões considerados passaram a discutir
Mas não imaginavam o que estaria por vir
Traficantes, homicidas, estelionatários
Uma maioria de moleque primário
Era a brecha que o sistema queria
Avise o IML, chegou o grande dia
Dependo do sim ou não de um só homem
Que prefere ser neutro pelo telefone
Ratatata caviar e champanhe
Fleury foi almoçar que se foda minha mãe
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo ...
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio
O ser humano é descartável no Brasil
Com módes usado ou Bombril
Cadeia ? Claro que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz
Ratatata, sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor ... perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no Salmo 23
Sem padre, sem repórter, sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro
Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolph Hitler sorri no inferno
O Robocop do governo é frio, não sente pena
Só ódio e ri como a hiena



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ratatatá, Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue
Mas quem vai acreditar no meu depoimento ?
Dia três de outubro, diário de um detento

Sr. Tempo Bom

Que saudade do meu tempo de criança,
quando eu ainda era pura esperança,
eu via nossa mãe voltando pra dentro do nosso barraco,
com uma roupa de santo debaixo do braço.
Eu achava engraçado tudo aquilo,
mas já respeitava o barulho do atabaque,
e não sei se você sabe, a força poderosa que tem na mão de quem toca um toque
caprichado, santo gosta.
Então eu preparava pra seguir o meu caminho,
protegido por meus ancestrais.
Antigamente o samba-rock, blackpower, soul,
assim como o hip-hop era o nosso som,
a transa negra que rolava as bolachas,
a cortiça do pedaço era o La Croachia,
eu era pequeno e já filmava o movimento ao meu redor,
coriografias, sabia de cor,
e fui crescendo rodiado pela cultura Afro Brasileira,
também sei que já fiz muita besteira,
mas nunca me desliguei, das minhas raízes,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

estou sempre junto dos blacks que ainda existem,
 me lembro muito bem do som e o passinho marcado
 eram mostrados por quem entende do assunto,
 e lá estavam Nino Brown e Nelso Triunfo,
 juntamente com a funkcia que maravilha.

Que tempo bom, que não volta nunca mais, 4x (Refrão)

Calça boca de sino, cabelo black da hora,
 sapato era mocasin ou salto plataforma.
 Gerson Quincombo mandava mensagens ao seus,
 Toni Bizarro dizia com razão, vai co Deus,
 Tim Maia falava que só queria chocolate,
 Toni Tornado respondia: Podê Crê,
 Lady Zu avisava, a noite vai chegar,
 e com Totó inventou o samba soul,
 Jorge Ben entregava com Cosa Nostra,
 e ainda tinha o toque dos Originais,
 falador passa mal rapaz,
 saldosa maloca, maloca querida,
 faz parte dos dias tristes e felizes de nossa vida.
 Grandes festas no Palmeiras com a Chic Show,
 Zimbabwe e Black Mad eram Company Soul,
 anos 80 comecei, a frequentar alguns bailes,
 ouvia comentários de lugares.
 Clube da Cidade, Guilherme Jorge,
 Clube Homes, Roller Super Star,
 Jabaquarina, Sasquachi, como é bom lembrar.
 Agradeço a Deus por permitir,
 que nos anos 70 eu pudesse assistir, Vila Sezamo,
 numa década cheia de emoção,
 Hooligueler entortando garfos na televisão,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

10 anos de swing e magia,
que começou com o Brasil sendo Tri-campeão.

Refrão

O tempo foi passando, eu me adaptando,
aprendendo novas gírias, me malandreado,
observando a evolução radical de meus irmãos,
percebi o direito que temos como cidadão,
de dar importância a situação,
protestando para que achamos uma solução.
Por isso Black Power continua vivo,
só que de um jeito bem mais ofensivo,
seja dançando break, ou um DJ no scratch,
mesmo fazendo Graffiti, ou cantando RAP.
Lembra do função, que com gilette no bolso
tirava o couro do banco do buzão,
uma tremenda curtição,
e fazia na calça a famosa pizza.
No Centro da cidade as grandes galerias,
seus cabelereiros e lojas de disco,
mantém a nossa tradição sempre viva.
Mudaram as músicas, mudaram as roupas,
mas a juventude afro continua muito louca.
Falei do passado e é como se não fosse,
o que eu vejo a mesma determinação no Hip-Hop
Black Power de hoje.

Refrão

Essa é nossa homenagem, a todos aqueles,
que fizeram parte ou curtiram Black Power.
Luiz Carlos, Africa São Paulo, Ademir Fórmula 1,
Kaskata's, Circuit Power.
Bossa 1, Super Som 2000, Transa Funk, Princesa Negra,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Cash Box, Musícalia, Galote, Black Music,
Alcir Black Power, e a tantos outros,
obrigado pela inspiração.
Pode crê, pode crê